



**Com os pés na América e a cabeça na Europa:
escritos franceses e identidade nacional no Brasil oitocentista**

Luis Fernando Tosta Barbato*

Resumo: Esse artigo tem como objetivo trabalhar as relações entre os escritos franceses produzidos no século XIX e as visões sobre o Brasil que eles carregavam, em especial aqueles publicados na *Revue des Deux Mondes*, o mais importante periódico francês em circulação no Brasil do período. A partir da análise das imagens geradas nesses escritos, buscaremos trazer a importância da relação entre o Brasil e a França para a formação das representações que guiarão a formação da própria identidade nacional brasileira, nos idos do século XIX.

Palavras-chave: Identidade Nacional. Relações Brasil-França. *Revue des Deux Mondes*

Abstract: This article aims to working relations between the French writings produced in the nineteenth century and the visions of Brazil they carried, especially those published in the *Revue des Deux Mondes*, the most important French periodical circulating in Brazil for the period. From the analysis of the images generated in these writings, we try to bring the importance of the relationship between Brazil and France for the formation of representations that would guide the formation of Brazilian national identity, in the nineteenth century.

Keywords: National Identity. Brazil-France Relations. *Revue des Deux Mondes*

De acordo com Mario Carelli, durante séculos, as relações entre Brasil e França funcionariam de modo atípico, isso porque o Brasil, país complexo, mestiço, e em contínua gestação étnica e cultural, mantinha com esse país do Velho Continente uma relação que escapava ao habitual binômio metrópole e colônia (CARELLI, 1994, p.18).

Não foi a França quem exerceu o domínio político sobre o Brasil em seus tempos de colônia, papel esse desempenhado por Portugal. Nos oitocentos, também, não foi a França quem exerceu a maior influência econômica sobre o Brasil independente, papel este desempenhado pela Inglaterra, e mais, não foi a França a principal exportadora de genes,

* Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas. Contato: lfbarbato@gmail.com



marcados nas figuras de colonos europeus, inseridos na missão de branquear o Brasil do século XIX e de aproximá-lo assim cada vez mais do ideal europeu de civilização, papel esse a cargo da Itália e Alemanha. No entanto, coube à França a exportação de ideias (CARELLI, 1994, p.117), e seria com a civilização, elemento deveras importante na eterna luta contra a barbárie sul-americana, que este país daria sua contribuição para o Brasil.

Desde finais do século XVIII, uma ruptura com a tradicional matriz intelectual portuguesa, em prol das ideias vindas de Paris, começa a ficar evidente no Brasil. Se até então Coimbra era o almejado destino dos intelectuais das classes abastadas da colônia, obstinados em alcançar as luzes e o prestígio social através do ensino europeu, Paris surge como uma rival de peso na balança da civilização europeia. Era a cidade das artes, das letras e das ciências, um mito para intelectuais do mundo todo, fenômeno esse que só viria a se acentuar no decorrer do século XIX, como nos mostra Marie-Jo Ferreira: "Ir para Paris torna-se uma necessidade para todo intelectual brasileiro" (FERREIRA, 2003, p.50-51). Assim, despontava a França como a principal referência cultural para o Brasil no século XIX, condição essa que, apesar de diversas críticas¹, perduraria até períodos avançados do século XX².

Com D. João VI instalado na sua colônia americana, a influência da cultura francesa no Brasil se acentuou, e isso se deu, principalmente, pela abertura da América Portuguesa às missões científicas estrangeiras, o que, segundo Wilma Peres Costa, pode ser entendido como uma jogada estratégica do rei, que viu na aproximação cultural com a França interesses geopolíticos, uma vez que tal influência cultural seria um contrapeso importante frente à toda poderosa Inglaterra, detentora do domínio econômico sobre essa região do Império Português.

Além disso, Wilma Peres Costa elenca como motivos dessa aproximação oficial entre Brasil e França, nos princípios do século XIX, o fato de a França ter mantido, pelo menos até os anos de 1830, um tráfico escravo ativo, o que opunha os interesses franceses às pressões inglesas pelo fim dessa prática, e também o tratamento diferenciado dispensado ao

¹ Como é o caso da polêmica entre Araújo Porto-Alegre e Chavagnes que ocorreu na *Revue des Deux Mondes*, na qual há uma crítica a esse e outros franceses que visitaram o Brasil no XIX e sobre essas terras relataram impressões negativas, ou ainda o caso de Nísia Floresta Augusta, que, chocada com o etnocentrismo europeu, defende o Brasil das imagens negativas quando se depara com elas na França (CARELLI, 1994, p. 106-115).

² Segundo Carelli, o Brasil se destacou progressivamente do modelo francês para criar suas próprias instituições, correntes artísticas e filosóficas, no decorrer do século XIX e início do XX, mas foi somente em 1922, com o movimento modernista que essa emancipação cultural se radicaliza em busca de manifestações de afirmação da brasilidade (CARELLI, 1994, p. 123).



Brasil pela França, por se encontrar aqui a única monarquia do continente americano do período (COSTA, 2006, p.32-36).

Em comparação com a América Espanhola, descrita fartamente por Alexander von Humboldt, esse Brasil de D. João VI era um ilustre desconhecido, e justamente por isso, considerado como o mais “exótico” do continente, o que fazia proliferar relatos fabulosos acerca de nosso país, no qual a eterna primavera dos trópicos convivia com imagens de monstros disformes, que tornavam essa terra, por muitas vezes, inóspita, como nos ressalta Lilia Schwarcz (SCHWARCZ, 2008, p.13-23).

Esses relatos, produzidos pelos viajantes franceses que aqui aportaram, entre 1816 e 1822, teriam uma importância ímpar segundo Wilma Peres Costa, pois as imagens geradas por esses europeus acompanhariam todo o processo de construção do Estado Imperial Brasileiro do século XIX e o ultrapassaria, pontuando o imaginário do século XX e o debate de interpretação da nação (COSTA, 2006, p.35).

A América fora então colocada em um lugar especial dentro do pensamento europeu, era o lugar do primitivo, do natural, enquanto o Oriente, dos hebreus, gregos e egípcios, era o lugar da história e da cultura, apesar de ambos serem distintos do ideário europeu, uma vez que a primeira mal havia começado sua história e ainda não havia encontrado o caminho do progresso, enquanto o segundo era puro passado, escombros sobre o qual seria difícil construir algo novo, como nos ressalta Vera Chacham (CHACHAM, 2003, p.91). Tal dicotomia se manteria até que Tocqueville trouxesse uma concepção da América, formulada em sua visita aos EUA. Assim, a visão da América como lugar de passado (da humanidade, que ainda se encontrava em estado primitivo, própria de Chateaubriand) cedeu espaço para uma América vista como lugar de futuro, lugar propício para a expansão capitalista, para novas formas de organização política, e emergência de uma sociedade de massas (COSTA, 2003, p.63).

No entanto, nos perguntamos, qual é o papel do Brasil dentro dessa América do futuro? Apesar de um projeto de substituição da visão idílica do homem primitivo de Lery e de Rousseau estar em pauta no século XIX, principalmente graças a um projeto de imigração europeia e colonização (COSTA, 2003, p.63), e também pelos projetos de modernização em diversas áreas, colocados em prática durante grande parte do século XIX, nos perguntamos: como era a situação do Brasil dentro do pensamento social europeu, e em especial, o francês



no século XIX? Qual o lugar nessa “América do futuro” que um país tropical poderia alcançar?

Nos perguntamos isso porque nos idos dos oitocentos, ponto tido como crucial dentro do processo de formação da identidade nacional brasileira por intelectuais e políticos ligados ao Governo Imperial, ficou evidente a tensão existente entre a vontade dos membros do Instituto Histórico e Geográfico do Brasileiro, principais agentes desse processo, de levarem o Brasil a pertencer a um mundo “civilizado”, e o fato de ser este um país tropical. Imbuídos de uma missão quase patriótica, os membros do IHGB engajados na tarefa de conferir uma identidade nacional para o jovem país à beira do colapso político (BARBATO, 2014), deixaram em seus escritos as delícias e temores de viverem sob o calor dos trópicos. Delícias essas de poderem desfrutar de uma natureza magnífica, de um clima benévolo, de uma terra fértil, e temores esses de nunca conseguirem alcançar o estágio civilizacional que tanto almejavam, uma vez que, naqueles tempos, estar entre os trópicos de Câncer e de Capricórnio poderia trazer consequências terríveis, e difíceis de serem contornadas.

As impressões e considerações a respeito do clima tropical dentro do IHGB, que ora o trazem como benévolo e agentes do progresso e ora como um verdadeiro problema para um país, uma vez que traziam sérios problemas, como lascívia e preguiça exageradas para suas populações, evidenciam toda a ambiguidade que essa condição poderia trazer a homens com os pés no Brasil e a cabeça na Europa. Transformar o Brasil em um país de civilização nos moldes europeus, projeto daqueles intelectuais, muitas vezes parecia se esbarrar nas próprias condições naturais do Brasil. A Europa era o modelo, e ele parecia difícil de ser seguido em uma terra quente e úmida como era o Brasil (BARBATO, 2011).

No entanto, quanto disso era fruto de uma visão francesa do Brasil tropical, ou dos trópicos em geral? Como nos salientou Wilma Peres Costa, a persistência da necessidade de olhar para a realidade interna através do olhar europeu talvez seja mais uma das peculiaridades das nações do Novo Mundo, tanto que a autora nos traz que a justaposição de uma versão “nativa” (e lusófila) do passado brasileiro a versões coevas divulgadas pelos eruditos europeus, constituiu a argamassa sobre o qual se fundou o primeiro nacionalismo brasileiro.

Assim, notamos que dentro desse processo de construção de uma identidade nacional para o Brasil, o clima tropical surgiu como elemento de identificação nacional, afinal, ele era aquilo que a Europa das grandes latitudes não era: a beleza, o perigo, a fartura,



a doença, a preguiça, a sensualidade. O clima tropical era um elemento tipicamente nacional, algo almejado para os construtores da nação do XIX. Ele fora festejado, fora aclamado e exaltado, o Brasil se distinguia por ser tropical, e por ser tropical, ele era motivo de orgulho. Mas seria essa festa tropical uma festa sincera?

Dentro de um jogo de espelhos deformantes, nos quais os brasileiros viam seu próprio país pelo olhar do outro, e em especial o do francês, como veremos a seguir, um mal-estar se fazia crescente. Afinal, apresentava-se uma relação assimétrica³ entre o Brasil e a França, marcada pelo desequilíbrio de uma cultura percebida como central e prestigiosa, em expansão e que se pensava universal, frente a uma cultura em gestão e dependente (CARELLI, 1994, p.59-60).

Assim, ir até esse “espelho deformante”, ir até a fonte na qual brasileiros se viam através do olhar do europeu, se mostra como uma chave para ajudar a compreendermos a própria gênese da identidade nacional brasileira, que começa a se operar nos idos dos oitocentos, e a partir dele tentavam dialogar com versões de europeus chocados e seduzidos com esse “mundo ainda criança”, “preso no exótico”, que encontraram no Brasil tropical, com versões que viam esse mundo tropical justamente como aquilo que a Europa não era, como um terreno baldio pronto para ser povoado e organizado (CARELLI, 1994, p.117). A partir de visões como essas, cabiam aos intelectuais brasileiros a árdua missão de construir uma identidade nacional para o país, fundada em princípios europeus, mas distinta em sua essência.

Nesse jogo de construções, disputas e influências culturais e identitárias, a cada dia que passava nos oitocentos, a França, com seus escritores e escritos ganhava cada vez mais espaço e sua cultura ganhava mais prestígio, inundando com força as mentes de nossos homens preocupados em construir a tão almejada e necessária identidade nacional brasileira. Ser brasileiro, mas também ser europeu - e em especial francês - se desenhava como o caminho correto a ser perseguido, se o objetivo do Brasil fosse alçar voos altos e entrar pro rol das grandes nações do globo.

Nesse sentido, como foi explicitado anteriormente, a cultura francesa ganhava destaque no Brasil desde finais do século XVIII, em detrimento à cultura portuguesa, mas

³ Essa relação assimétrica, marcada pela visão de uma cultura presumidamente superior em relação uma ainda em gestação, calcada ainda na natureza, e não na história, fica evidente no trecho a seguir, de autoria Abel Bonnard: “[os brasileiros] mostram-nos os tesouros de seu solo e pedem-nos os da nossa cultura. Isso lembra a fraqueza e a ingenuidade das antigas trocas: eles nos oferecem borboletas e nos pedem ideias”(CARELLI, 1994, p. 17).



foi em meados do XIX, dentro do processo de construção da identidade nacional brasileira, como nos disse Edgar de Decca, que essa característica mais se acentuou.

Com o propósito de ser aceito como nação independente, o Brasil passa a falar exaustivamente de si próprio, principalmente de sua natureza tropical, ressaltando tudo o que é exótico, garantindo assim as singularidades que uma nova nação necessitava para ser aceita dentro dos parâmetros europeus. No entanto, ainda segundo de Decca, o Brasil também buscou tal reconhecimento distinguindo-se de sua referência paterna tradicional, isto é, de Portugal, indo buscar as suas novas referências numa outra Europa, marcada pelos signos da modernidade, ou seja, a França (DECCA, 2002, p.91-92).

Se a Europa era a medida e o ideal de civilização para aquele Brasil do século XIX, dentro dessa Europa do progresso, era a França que mais destaque tinha no Brasil. Podemos dizer que a cultura francesa estava “na moda” no Brasil, vestir-se como os franceses era um imperativo dos novos tempos (CANELAS, 2007, p.117), grandes quantidades de livros franceses chegavam ao Brasil, a língua francesa era propagada entre as camadas mais abastadas do Império. Imigrantes franceses chegavam ao Brasil sob aplausos, e desempenhavam funções de costureiros, confeitores, ourives, professores de música, e muitas outras ligadas ao universo urbano. O próprio Imperador D. Pedro II era francófilo, amante das artes, das letras e das ciências, tinha profunda admiração pela cultura francesa, e buscou atrair franceses para seu reino (CARELLI, 1989, p.62-76).

Dentro dessa inserção da cultura francesa no Brasil, a *Revue des Deux Mondes* desempenhou papel de destaque, sendo considerada por Kátia Aily Franco de Camargo, como a detentora do primado em seu setor – o da revista geral de cultura -, durante anos no período do Império, da sedução exercida pela cultura francesa sobre a sensibilidade, inteligência e gosto brasileiro, por isso foi escolhida como fonte principal para o estudo (CAMARGO, 2005, p.80).

Fundada em 1829, a *Revue de Deux Mondes* surge como uma representante da elite burguesa, que se coloca em relação ao estrangeiro para poder se conhecer melhor. A partir dos sucessos e fracassos observados nos outros países, esperava-se absorver aquilo que havia de melhor para ajudar na organização da sociedade francesa (CAMARGO, 2005, p.83).



Dirigida por François Buloz em sua melhor fase⁴, a *Revue*, apesar de contar com uma suposta homogeneidade garantida principalmente pelo formato pré-estabelecido na apresentação de seus artigos, não pode ser considerada como uma publicação homogênea em seu conteúdo, uma vez que seus membros são das mais variadas proposições ideológicas, estéticas, literárias ou políticas. Se há uma impressão de unidade, ela é devida única e exclusivamente à intervenção de Buloz, que era o ponto de junção e a interface entre a forma individual de escrita de cada um de seus autores e a forma coletiva de imprensa, como nos traz Kátia Camargo (CAMARGO, 2005, p.89-90).

Assim, dentro de temas tão variados quanto literatura, música, história, geografia, medicina, estatística, e relatos de viagens, imagens a respeito dos lugares percorridos pelos autores vinculados à *Revue* ajudaram as nações do mundo todo a compor seus quadros de identidade nacional, ajudando inclusive o nosso país, que não passou incólume a essa variada produção francesa que também tratava do Brasil e dos brasileiros, como veremos (DANTAS, 2000).

Nesse sentido, o Brasil aparece de maneira frequente, mesmo sendo o total de artigos sobre ele apenas uma pequena fração, se levarmos em conta toda a produção da revista. No entanto, apesar de pequena, tal produção é significativa e nos mostra que o que conduzia a percepção de Brasil no século XIX, pelo menos entre os franceses, e que depois se mostraria frequente também entre os próprios brasileiros, crenças que estavam construindo uma visão de si próprios é a ambiguidade. Uma terra linda e portadora de belezas naturais que enchem os olhos de estrangeiros vindos de terras frias da Europa, mas envolta a perigos e problemas, que poderiam significar o fim de um sonho civilizacional.

As belezas naturais, assim, se revelam como ponto de comunhão entre as visões acerca do Brasil entre os franceses que aqui aportavam, e pareciam ser um quesito básico ao se referir a essas terras. Falar das maravilhas tropicais parecia ser obrigatório ao se falar do Brasil, e ambos pareciam ser pontos indissociáveis, como nos revelam os trechos abaixo:

Enfim você chega ao topo das montanhas: Você para! Um oceano de florestas emerge à sua frente, imenso como o oceano das águas, sublime, incomensurável, sem limites (LACORDAIRE, 1832, p.657).

⁴ Foi sob a direção desse homem que a revista chegou à marca de 25 mil assinantes em todo mundo e se transformou em ícone do saber superior e elitizado (MARTINS, 2001, p.75), conferindo ao seu possuidor ou assinante a aura de leitor informado e atualizado, tornando-se assim a principal referência cultural das elites brasileiras do período (COSTA, 2006, p.38).



Mesmo que eu viva por séculos, a impressão que se produziu sobre meu espírito a mistura de grandeza e graça que atingiram meus olhos, estará sempre frescas na memória. Vi as costas clássicas da Itália; estive durante muito tempo em meio às belezas românticas da Suíça; percorri as pitorescas margens do Reno : as mais brilhantes criações do mundo europeu, com seus tesouros inesgotáveis da associação histórica e poética, nunca me fizeram sentir esses sentimentos que mesclavam a admiração e o prazer, que não pude me defender da vista majestosa dessa obra-prima da natureza, a baía do Rio de Janeiro (ANÔNIMO, 1829, p.115).

As citações destacadas nos servem de amostra sobre a percepção que o Brasil despertava nos seus viajantes vindos do exterior. Poderíamos aqui elencar ainda uma série de outros exemplos dos elogios que os viajantes franceses da Revue prestaram à natureza brasileira, uma vez que eles são muito abundantes, e como frisamos, estão em praticamente todos os relatos acerca do Brasil. Assim, podemos notar que a beleza dos trópicos é uma das principais distinções que existem em relação à natureza europeia, e a imensidão das florestas, as belas paisagens, a grande variedade de fauna e flora, os aromas, e tudo mais que somente os trópicos podem oferecer são pontos que chamam muito a atenção dos estrangeiros, e por isso dificilmente passam incólumes em seus relatos.

No entanto, tais visões de revoadas de belos pássaros e uma vida tranquila à luz do sol do trópicos não perfaziam uma visão global a respeito dessas terras, elas estavam em meio a uma série de problemas que representavam perigos à uma civilização. Em meio à natureza luxuriante, vivia uma povo marcado pelo poder dos trópicos, sujeito à preguiça desmedida, à lascívia que atentava contra os bons modos do europeu, índios que ainda eram acusados de praticar o canibalismo e a feitiçaria, para não falarmos em um mundo no qual o homem branco via seu vigor diminuído por cruzamento com negros e índios. Cabe aqui mais uma vez a pergunta. Seria sincera essa festa de cores tropicais em meio a um caos civilizacional no qual os mesmos artigos que traziam o canto dos papagaios traziam também traziam um mundo fadado à desordem?

Na Europa, há muito se propagavam as ideias de que o clima era fator importante na conformação dos povos, sendo que os climas quentes geravam povos débeis e os clima frios povos robustos . Com as Grandes Navegações, momento no qual o contato entre os europeus do clima temperado e os povos do clima tropical ganhou uma proporção nunca antes vista na história, tais explicações passaram a ganhar cada vez mais força, até se tornarem um dos principais elementos na explicação da inferioridade dos povos tropicais em relação aos



européus (ARNOLD, 2000, p.22). É nesse contexto, no qual há uma clara noção de que o Brasil, tropical que era, estava mais próximo dos débeis, que dos robustos, que os problemas se desenham, mesmo sendo colonizado por europeus e suas luzes, o sol e a umidade eram inclementes com a civilização e o Brasil do século XIX, juntamente com os europeus do mesmo período, bebem dessa água que há séculos inundam a Europa.

O trecho abaixo, de Ventura sobre Montesquieu, nos serve como exemplo da profusão dessas ideias na Europa setecentista, que chegaram ao século XIX com muita força:

A escravidão, a poligamia e o despotismo resultam, na sua visão [de Montesquieu], da apatia geral dos habitantes dos climas quentes, em que o calor traria o "relaxamento" das fibras nervosas. Com isso o indivíduo perderia toda sua força e vitalidade, seu espírito ficaria abatido, entregue à preguiça e à ausência de curiosidade, enervando o corpo e enfraquecendo a coragem. O clima quente favorece a aceitação da servitude: "não surpreende que a covardia dos povos dos climas quentes os tenha tornado quase sempre escravos, e que, a coragem dos povos dos climas frios os tenha mantido livres. É um efeito que deriva de sua causa natural [aqui citando Montesquieu] (VENTURA, 1991, p.20).

Assim, ainda que o clima fosse fator temerário, se nos colocássemos nas mentes dos homens dos oitocentos, a raça vinha para acentuar o problema, e afundar ainda mais o Brasil em um lugar de trevas civilizacionais.. A partir do século XIX o paradigma ambiental, marcado por um determinismo geográfico e climático, perde um pouco de sua força⁵, sendo preteridos ou absorvidos por outro modelo explicativo da sociedade, que tinha como base a questão racial. Como nos mostrou Bresciani, "o meio geográfico e climático assumia o centro da cena na fixação de quadros onde as diferentes raças esboçavam de maneira afirmativa seus destinos diversos" (BRESCIANI, 2007, p.67).

Se em relação à natureza tropical às visões negativas encontravam na longa-duração respaldo para condenar o Brasil e sua gente a um lugar marginal no mundo civilizado, em relação à raça não era diferente, há tempos as visões negativas sobre os índios, negros e mestiços, e mesmo sobre os brancos que aqui se assentaram se deixaram levar pelo calor e suas facilidade, também surgiam no imaginário acerca do Brasil e que encontraria campo

⁵ Isso porque, apesar de ele ter perdido espaço frente aos argumentos raciais, ele ainda era fator importante de explicação das sociedades da época, e se faria presente até períodos avançados do século XX. Como Stella Bresciani nos alertou, as concepções de nossos "textos contemporâneos" – no caso, as obras de autores de meados do século passado, como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr, - trazem ideias mesológicas, teorias estéticas e éticas setecentistas persistentes, mesmo que de forma subliminar (BRESCIANI, 2007, p. 425).



fértil para ser debatido no século XIX. Nesse sentido, o trecho abaixo, de André Thevet, nos mostra que as visões sobre o homem nativo do Brasil há muito já traziam aspectos negativos:

Os canibais, cujas terras vão do Cabo de Santo Agostinho às proximidades do Maranhão, são os mais cruéis e desumanos de todos os povos americanos, não passando de uma canalha habituada a comer carne humana do mesmo jeito que comemos carne de carneiro, se não até com maior satisfação" (THEVET, 1978, p.199).

Nos escritos da Revue, tais visões se propagaram, e surgem o todo tempo em meio às descrições extasiadas da fauna e flora brasileira. Castelnau se surpreende com a profusão de raças e povos que encontra na sua chegada ao Rio de Janeiro (CASTELNAU, 1848, p.199-200), Chavagnes começa a enxergar nas características físicas traços que dão identidade ao brasileiro, ao observar a beleza das mulheres brasileiras (CHAVAGNES, 1884, p.69), Saint-Hilaire vê na população brasileira, formada por uma “amalgama bizarra de portugueses e americanos, homens brancos e homens de cor, homens livres e escravos” como um dos desafios que o governo de D. Pedro II deverá enfrentar para vencer o estado triste da sociedade brasileira, pois conhecer algo tão complexo, para assim buscar as melhores saídas para os problemas é algo bastante difícil. No entanto, a diversidade racial brasileira vem acompanhada de um quadro moral nada alentador, como podemos ver no trecho abaixo, de Chavagnes, na qual todo o emaranhado de raças que compõe o Brasil confere um estado moral bastante desanimador:

A população do Brasil é estimada em aproximadamente 5 milhões. Podemos distinguir diversas raças : 1° os portugueses da Europa naturalizados brasileiros; 2° os portugueses nascidos no país, ou brasileiros, propriamente ditos ; 3os mestiços de brancos e negros, ou mulatos ; 5° os mestiços de brancos e índios, ou cabras ; 5° os negros da África ; 6° os índios, divididos em diversos povos. O estado moral dessa sociedade, abandonada as suas danosas paixões, aos seus instintos selvagens, é verdadeiramente aflitivo. (CHAVAGNES, 1884, p.92)

Nesse problemático contexto racial, o negro surgia como um elemento de importância na balança da civilização, contribuindo vigorosamente para que ela pendesse, no caso brasileiro, mais para o lado da barbárie que da civilização. Inferior, bestializado, inculto e inapto à civilização, esse elemento é descrito na maior parte dos relatos sobre o Brasil, estando quase sempre localizado sob o prisma da negatividade. O trecho abaixo, de



Lacordaire, é emblemático para retratarmos a visão do negro que encontramos na maior parte dos relatos europeus, comparados a animais, o intelectual francês, sob o claro céu dos trópicos, sente pena dos cativos, não pela sua própria condição, mas sim porque não aparecem compradores dispostos a levá-los:

João Manoel me dizia no mercado que não é qualquer um que sabe distinguir um negro de um cavalo ou de qualquer outra espécie de quadrúpede. Com isso, você não iria longe se não souber escolher. Mas devemos tirar o chapéu, vi um cortejo nesse lugar, e é mais fácil comprar uma tropa de cavalos de Minas que dois desses animais que você vê estendidos no chão, neles há mais má vontade e sentimentos anticristãos que em todos os macacos do Brasil juntos. (...) É muito triste ver esses miseráveis que estão estendidos na porta do mercado, com sonhos minguados e doentes, sem que qualquer pessoa se interesse em comprá-los. (LACORDAIRE, 1832, p.647-648).

Sobre os indígenas, as visões dos viajantes da Revue não são melhores que aquelas sobre os negros, também aparecem sob o prisma da negatividade, e somam-se aos negros e mestiços do lado da balança que pende para a barbárie.. Já que são vários os atributos negativos a eles atribuídos, podemos começar sobre aqueles que tratam de sua indolência e aversão natural ao trabalho, algo típico de povos nascidos sob o calor dos trópicos, já que foram acostumados desde sempre a conseguir aquilo que lhes garantia o sustento e a vida sem muito esforço. Desta maneira, as alusões aos indígenas são quase sempre feitas em um prisma oposto aquele europeu, enquanto esses são marcados pelo trabalho e pela mudança, aqueles são marcados pela inépcia e pela estagnação. Assim, são vários os relatos que podemos aqui elencar e que corroboram essas visões:

Uma população de humor tão indolente que é imprópria ao trabalho na agricultura, mais penoso que os serviços no interior de uma residência (D'ASSIER, 1863, p.560).

Esta característica indomável deu aos índios das florestas o nome de Índios Bravos, em oposição aos índios das fronteiras, chamados de índios Mansos (Índios doces, domésticos). Como seus ancestrais, os bravos vivem de frutas, da caça e da pesca; cada tribo é liderada por um chefe, ao qual é difícil determinar sua autoridade. Superiores em força física que outros indígenas americanos, eles parecem inferiores em inteligência, não podemos encontrar neles nenhuma tradição histórica, nenhum monumento



que remeta à qualquer traço de civilização. Quanto à religião, ela é sem dúvida a mesma que a de seus antepassados (D'ASSIER, 1863, p.557).

Desta maneira, podemos notar que os escritos publicados sobre o Brasil na *Revue des Deux Mondes* apresentam uma dicotomia já característica das visões acerca das terras tropicais, que mesclam uma visão positiva sobre a natureza, mas uma visão negativa sobre os povos que nela habitam, sendo o clima tropical e a própria fartura das terras tropicais vistas como explicações para a inferioridade dos povos que habitam essa zona do globo.

Dentro da *Revue*, podemos notar claramente que os caminhos para o sucesso do Brasil encontravam-se na aproximação com a Europa, e que, apesar da beleza de suas matas, a beleza de uma civilização só seria alcançada com a aproximação com os povos europeus. E essas visões ganharam força não só no pensamento europeu, mas acabaram por se mostrar fortes e influentes também nos escritos sobre o Brasil escritos por brasileiros. Se analisarmos a produção sobre a natureza e sobre as gentes do século XIX, produzida no Brasil e por brasileiros, notamos que tal visão francesa se mostrava presente, pois a natureza é fartamente descrita em sua magnitude, assim como o homem tropical é fartamente descrito em seus problemas⁶. A história mostra que a França exportou suas ideias com vigor, e que a festa tropical brasileira em muito era uma festa tropical francesa, carregada de preconceitos.

Bibliografia

Anônimo. “Souvenirs de l’Amérique – l’empereur Don Pedro”. In. **Revue des Deux Mondes**: recueil de la politique, de l’administration et de mouer. V. 1. 1829.

ARNOLD, David. **La Naturaleza como Problema Histórico**: El medio, la cultura y la expansión de Europa. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2000.

BARBATO, Luis Fernando Tosta. “A construção da identidade nacional brasileira: necessidade e contexto”. In. **Revista Eletrônica História em Reflexão**. Vol. 8 n. 15 – UFGD – Dourados, jan/jun, 2014.

⁶ Sugerimos aqui a leitura da tese de mestrado de Luis Fernando Tosta Barbato, no qual há um estudo sobre o tema dentro das Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro do século XIX, e no qual essa dicotomia entre benesses naturais e problemas humanos surge como a principal característica dessa produção, e a qual foi trazida em suas mais variadas nuances (BARBATO, 2011).



BARBATO, Luis Fernando Tosta. **Brasil, um país tropical: O clima na construção da identidade nacional brasileira (1839-1889)**. Campinas, SP : [s. n.], 2011.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **O Charme da Ciência e a Sedução da Objetividade: Oliveira Vianna entre Intérpretes do Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CAMARGO, Kátia Aily Franco de Camargo. “A Revista como Fonte de Pesquisa”. In. **Educação: teoria e prática**. V.13, , nº 24, jan-jun, 2005.

CANELAS, Letícia Gregório. **Franceses ‘Quarants-Huitards’ no Império dos trópicos (1848 – 1862)**. Campinas,SP: [s.n.], 2007.

CARELLI, Mario. **Brasil-França: cinco séculos de sedução/cinq siècles de seduction: France;Brésil**. Rio de Janeiro: Espaço em Tempo, 1989.

CARELLI, Mario. **Culturas Cruzadas: Intercâmbios culturais entre França e Brasil**. Campinas,SP: Papyrus, 1994.

CASTELNAU, Francis. “L’Araguail – Scènes de voyages dans l’Amérique du Sud”. **Revue des Deux Mondes**. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1848.

CHACHAM, Vera. “Passado e natureza nas narrativas de viagem ao Brasil e ao Oriente (século XIX)”. In. **Em Tese**. V. 7, Belo Horizonte, 2003.

CHAVAGNES, M.L. de. “Le Brésil em 1844. Situation morale, politique, commerciale et financière”. **Revue des Deux Mondes**. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1844.

COSTA, Wilma Peres. “Narrativas de Viagem no Brasil do século XIX: formação do Estado e Trajetória Intelectual”. In. RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide; ROLLAND, Denis (orgs.). **Intelectuais e Estado**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

COSTA, Wilma Peres. “Viagens e peregrinações: a trajetória de intelectuais de dois mundos”. In. RIDENTI, Marcelo, BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis. (orgs.). **Intelectuais: sociedade e política, Brasil – França**. São Paulo: Cortez, 2003.

DANTAS, Luiz. “Letras Brasileiras na Revue des Deux Mondes”. In. NITRINI, Sandra. (org.). **Aquém e além-mar: relações culturais: Brasil-França**. São Paulo: HUCITEC, 2000.



D'ASSIER, Adolphe. “Le Brésil et la société brésilienne. La fazenda”. **Revue des Deux Mondes**. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1863.

DECCA, Edgar Salvadori de. “Tal pai, qual filho? Narrativas histórico-literárias da identidade nacional”. In. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. São Paulo, nº 24, 2002.

FERREIRA, Marie-Jo. “Testemunho da presença intelectual brasileira na França: a Revue du Monde Latin e o Brasil (1883 – 1893). In. RIDENTI, Marcelo, BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis (orgs.). **Intelectuais: sociedade e política, Brasil – França**. São Paulo: Cortez, 2003.

LACORDAIRE, Théodore. “Un souvenir du Brésil”. **Revue des Deux Mondes**. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1832.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista: Imprensa e Práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890 – 1922)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D.João**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.

THEVET, André. **As singularidades da França Antártica**. São Paulo: Ed. Itatiaia e EDUSP, 1978.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical: História Cultural e Polêmicas literárias no Brasil 1870 – 1914**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.

Recebido em 09/09/2013; aprovado em 15/09/2014.